

# Argumentação e Linguagem

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
**(Organizadora)**



Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Argumentação e Linguagem

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A694	Argumentação e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-530-3 DOI 10.22533/at.ed.303191408  1. Língua portuguesa – Composição e exercícios. 2. Linguística. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.  CDD 469.8
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Ai Palavras! ... Todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza seu perfume em vossa rosa; sois o sonho e sois audácia, calúnia, fúria, derrota... A liberdade das almas, ai! com letras se elabora... E dos venenos humanos sois a mais fina retorta: frágil como o vidro e mais que o são poderosa! Reis, impérios, povos, tempos, pelo vosso impulso rodam... Cecília Meireles ...

Porque a verdadeira caverna, aquela que nos proíbe a relação com a realidade, aquela que nos obriga a viver no meio das sombras, é, para mim, a linguagem. Oswald Ducrot. Não há como pensar a argumentação na linguagem sem que se façam referências à retórica clássica, principalmente se o ato de argumentar for entendido como uma forma de gerenciar o discurso, de modo a se obterem resultados efetivos sobre as práticas sociais humanas. É justamente o funcionamento pragmático dos textos/discursos que nos permitem dizer, hoje, que os mesmos se nos apresentam revestidos de caráter ideológico, somente para citar um dos efeitos das ações das práticas linguísticas sobre as sociais. Nesse sentido, presume-se que a instrumentalidade do discurso argumentativo retrata-se nas formas como os argumentos são apresentados nos textos, de modo a criar um sentido de identidade entre falante/escritor e ouvinte/leitor. As atividades cognitivas da leitura e da compreensão estão inter-relacionadas, ainda que não se tenha como garantia indicativos de entendimento textual, afirmam Löbler e Flôres (2010, p. 181). Flôres e Gabriel (2012) defendem que a leitura pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas, sejam elas: com foco no autor, no texto ou no leitor. Abraça-se, então, neste trabalho, a pesquisa sobre a leitura e foco no texto de diferentes formas.

Coscarelli (2002, p. 01) afirma que a leitura pode ser vista como um todo sem divisões, uma visão genérica e compactada que dificulta o trabalho do professor em ajudar os alunos em desenvolver o processo de leitura. Segundo a autora: A leitura pode ser dividida em duas grandes partes, uma que lida com a forma linguística e outra que se relaciona com o significado. Essas partes, por sua vez, podem ser ainda subdivididas. O processamento da forma, também tratado como decodificação, será aqui subdividido em processamento lexical e processamento sintático. Faz parte da atividade leitora apresentar sentidos para a informação ali exposta, buscando a reflexão, os questionamentos e os possíveis diálogos entre ela e o leitor. Para tal, essa prática envolve o aspecto de reconhecer o código linguístico, assim como depreender os sentidos que esse código desenvolve a partir das relações semânticas, Löbler e Flôres (2010, p. 188).

O leitor tem a função de decodificar o texto e identificar as pistas que o autor vai deixando ao longo desse texto, além de formular representações mentais sobre as informações contidas ali, Löbler e Flôres (2010, 192). Ele suscita hipóteses, realiza inferências, ativa o seu conhecimento prévio, tudo isso objetivando compreendê-lo. Löbler e Flores explicam assim o processo de compreensão: A compreensão da língua escrita é uma atividade complexa e onerosa do ponto de vista cognitivo, pois consiste em relacionar, concomitantemente, o que é lido a conhecimentos preexistentes. Para fazer tal síntese, o cérebro do leitor mobiliza os conhecimentos que já possui, relacionando-os

ao processamento em realização, ou seja, fazendo a articulação paralela entre o sabido e o desconhecido, no decorrer da própria leitura.

Nesse processo de diálogo com o texto, o leitor tenta identificar as intenções do autor por este ou aquele vocabulário, as intenções de formalidades ou informalidades, ou ainda, identificar quem está falando naquele texto. Ducrot (1990, p.15) defende que o enunciado é polifônico e que, portanto, existem algumas pessoas envolvidas em sua existência. Dentre elas, declara a existência do locutor, sujeito discursivo responsável discurso, e enunciadore, responsáveis pelos pontos de vista ao longo do discurso.

O enunciado, assim como o discurso, é único e sempre terá um autor, denominado sujeito empírico, Ducrot (1990) Os jornalistas, por exemplo, ao noticiarem ou reportarem determinada informação, fazem-na através das argumentações, que são entendidas por Ducrot como uma sequência de dois segmentos que compõem um discurso relacionados por um conector.

Argumentar é apresentar um ponto de vista. Entretanto, cabe ao leitor, durante a atividade leitora, apreender os diferentes sentidos que vão sendo desenvolvidos ao longo do discurso destes profissionais.

Acredita-se que, ao se analisar as palavras envolvidas nesses discursos jornalísticos, pode-se facilitar a compreensão dos sentidos ali inscritos. Diante disso, apresenta-se, como objetivo geral deste trabalho, a análise do papel que o léxico desempenha (palavras plenas e palavras instrumentais) na construção do sentido dos discursos desdobraram-se em múltiplas linguagens. A construção de sentidos nos diferentes e múltiplos discursos não é realizada da mesma maneira, não segue uma regra que se comportam diferentemente no momento de construção desses sentidos.

Um conjunto de considerações pragmático-discursivas constitui o cerne da história da retórica. O retorno à retórica faz sentir que muitas das preocupações atuais dos estudiosos da linguagem, no que concerne à eficácia da palavra, assentam-se em preceitos advindos dos clássicos e dos teóricos contemporâneos da argumentação.

Avulta das considerações tecidas um aspecto particular caracterizador do dinamismo da linguagem, que é o lugar ocupado pelos sujeitos que lançam mão de argumentos relativos aos seus objetivos comunicativos e objetos de discurso. Nesse sentido, defrontamo-nos com uma subjetividade enunciativa que extrapola os limites de uma consciência empírica do sujeito. Pela enunciação que o constitui, ele mobiliza um ou mais coenunciadores, fazendo-os aderir ou refutar o universo de significações ou sentidos atribuídos histórica e culturalmente aos objetos de predicação. O enunciadore é, para mim, o grande tecelão do mundo representado nos eventos comunicativos de que participa. Nesse sentido é que cabe nos estudos da argumentação, ou da construção argumentativa dos textos, aproximar teorias de textos e discursos das teorias sociológicas, assumindo, portanto, um posicionamento multidisciplinar perante a investigação dos fenômenos linguísticos.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A LITERATURA SOBRE O SEXO E A SEXUALIDADE NO BRASIL NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.3031914081	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A FALA DE ULYSSES GUIMARÃES NA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Tayson Ribeiro Teles	
DOI 10.22533/at.ed.3031914082	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
A ARGUMENTAÇÃO E A RETÓRICA NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA, DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UMA ABORDAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	
Gabriela Lages Veloso Letícia Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3031914083	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
ARQUITETURA DA ARTE DE CONTAR: A NATUREZA SOCIOLOGICA E A COMUNICAÇÃO ESTÉTICA NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	
Márcia Adriana Dias Kraemer Alba Maria Perfeito	
DOI 10.22533/at.ed.3031914084	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
COMO TRABALHAR A LITERATURA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS EM SALA DE AULA	
Cícera Tayana Francelino Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.3031914085	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
A INTENCIONALIDADE MARCADA NOS TEXTOS INSTRUCCIONAIS: O QUE HÁ DE NOVO NISSO?	
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira Sílvia Adélia Henrique Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.3031914086	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Maria Auxiliadora Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.3031914087	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>103</b>
IGREJA” E “SENHOR”: A CRÍTICA À RELIGIÃO NAS LETRAS DE MÚSICA DA BANDA TITÃS À LUZ DAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS	
Claudia de Fátima Oliveira Camila de Araújo Beraldo Ludovice	
DOI 10.22533/at.ed.3031914088	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>114</b>
FICÇÃO E MEMÓRIA EM <i>SIMÁ</i> : ROMANCE HISTÓRICO DO ALTO AMAZONAS, DE LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO	
<a href="#">Daniel Padilha Pacheco da Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3031914089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>133</b>
PRESENÇA E USO DOS MARCADORES DISCURSIVOS EM ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
<a href="#">Cristina Corral Esteve</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>146</b>
VARIAÇÃO FONÉTICA NO POVOADO ONÇA DO MARANHÃO: ANÁLISE DOS FENÔMENOS DE REDUÇÃO DO DITONGO “OU” EM “O” E REDUÇÃO DO DITONGO “EI” EM “E”.	
<a href="#">Shayra Brunna Silva Marques</a>	
<a href="#">Ana Claudia Menezes Araujo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>157</b>
PLE + ELO: UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA UFLA	
<a href="#">Débora Racy Soares</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>164</b>
MOBILED-ASSISTED LANGUAGE LEARNING: QUESTÕES ACERCA DO USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA	
<a href="#">Luana de França Perondi Khatchadourian</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140813</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>175</b>
MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE INGLÊS: UMA PROPOSTA POR MEIO DA PEDAGOGIA DE MULTILETRAMENTOS	
<a href="#">Patrícia Helena da Silva Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140814</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>189</b>
ORIGENS E FRONTEIRAS DO COSMOS: O PODER DA PALAVRA	
<a href="#">Márcio Moreira Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140815</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>199</b>
MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: APROXIMAÇÕES ENTRE REFLEXÃO E AÇÃO	
<a href="#">Maria de Lourdes Rossi Remenche</a>	
<a href="#">Ana Paula Pinheiro da Silveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140816</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>211</b>
O MÉTODO FÔNICO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Alice Santos Pimentel Nunes	
Terezinha de Jesus Dias Pacheco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140817</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>223</b>
NARRATIVAS COERENTES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM GRUPOS VULNERÁVEIS	
Dóris Cristina Gedrat	
André Guirland Vieira	
Gehysa Guimarães Alves	
Cláudio Schubert	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140818</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>235</b>
BEM-ME-QUERO, BEM-TE-QUERO: UM PROJETO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL SOBRE CORPOREIDADE E GESTÃO DO CUIDADO	
Roselaine Vieira Sônego	
Allan Henrique Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140819</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>248</b>
MASCULINIDADE NA LITERATURA: UMA HISTÓRIA HERDADA SOCIALMENTE	
Francisco Heitor Pimenta Patrício	
Cícero Hérciclis Ângelo Pereira	
Josilene Marcelino Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140820</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>260</b>
ENSINANDO PLE NA UFLA ATRAVÉS DO AVA - AVANÇAR	
Débora Racy Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140821</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>267</b>
MARCAS DOS PAISES IMPERIALISTAS NA CONSTITUIÇÃO E REORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Rosa Maria Silva Braga	
Lucia Torres de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.30319140822</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>277</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>278</b>

## NARRATIVAS COERENTES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM GRUPOS VULNERÁVEIS

### **Dóris Cristina Gedrat**

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS.  
Rua Frederico Guilherme Ludwig, 80/901A,  
Centro, Canoas, RS. CEP 92310-240 ,  
doris.cristina10@gmail.com.

### **André Guirland Vieira**

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS.

### **Gehysa Guimarães Alves**

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS.

### **Cláudio Schubert**

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS.

**RESUMO:** Este é um estudo de casos múltiplos, no qual foram investigadas as diferenças no discurso de uma dupla de jovens adultos, um do sexo feminino, outro do masculino, que haviam sido colocados para adoção durante a pré-adolescência. Os dois jovens foram entrevistados e, a partir da transcrição das entrevistas, analisaram-se suas narrativas de vida. Ela produziu uma narrativa coerente, expressando unidade entre os acontecimentos que ela conta em sua história de vida. Ele, no entanto, não atingiu coerência suficiente em sua narrativa. Na narrativa do jovem pesquisado foram encontrados sinais de impossibilidade para normalizar as experiências, uma vez que associava afetos demasiadamente intensos a certos eventos narrados. Já na narrativa da jovem observou-se conhecimento consciente

a respeito da falta de normalidade de certos eventos narrados, sobre os quais ela já havia refletido e falado. Conclui-se que, enquanto uma narrativa coerente demonstra que o narrador procura apresentar-se ao mundo como uma pessoa normal, sabendo seguir as restrições em relação ao que é aceitável ou não como o objeto de uma história, isso é muito difícil para quem não consegue construir uma narrativa coerente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa autobiográfica. Coerência. Identidade. Interdisciplinaridade.

### COHERENT NARRATIVES AND IDENTITY CONSTRUCTION IN VULNERABLE GROUPS

**ABSTRACT:** This is a multiple case study, which investigates discourse differences in two young adults, a woman e a man, who had been placed for adoption in pre-adolescence. Both were interviewed and their narratives were analyzed. She produced a coherent narrative, which expresses unity among her life events. He, on the other hand, was not able to reach coherence enough. In his narrative, there were signals of inability to normalize experience, since he attributed overintensive feelings to certain events. The lady showed, in her narrative, to be consciously aware about the lack of normality of some narrated events, about which she could

talk normally. The conclusion is that a coherent narrative shows that the narrator tries to present herself/himself to the world as a normal person, she/he knows and follows the restrictions to what is acceptable or not as the object of a story, while the person who can not build a coherent narrative also faces great difficulties in normalizing her/his experiences.

**KEYWORDS:** Autobiographical narrative. Coherence. Identity. Interdisciplinarity.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este estudo insere-se no campo das narrativas psicológicas, que prevê a reorganização significativa da própria história como elemento fundamental na construção da resiliência, e no campo da pesquisa etnometodológica da Análise da Conversa, segundo a qual os atores sociais constroem e mantêm um mundo em comum porque têm o domínio da linguagem natural. Intentou-se encontrar uma conexão entre a coerência narrativa e a capacidade do autor desta narrativa para colocar-se como uma pessoa normal, entendendo o conceito de normalidade segundo Sacks (1984), para quem normalizar a experiência é apresentar uma visão do mundo como uma pessoa normal faz.

O texto inicia mostrando como se relaciona a narrativa com a construção da identidade, focalizando a narrativa e a identidade de indivíduos com experiência de adoção. Na sequência, apresentam-se as noções de Sacks (1984) quanto ao processo de normalizar experiências em narrativas de vida, as quais embasam a hipótese deste trabalho, a saber, de que existe uma relação entre a narrativa coerente e a capacidade para narrar experiências como uma pessoa normal faz. Finalmente, passa-se ao estudo de dois casos com experiência de adoção e à análise dos resultados da pesquisa.

## 2 | NARRATIVA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Se compreendemos identidade como uma construção social, que envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos, entendemos que a narrativa revela-se especialmente propícia para essa exposição. Construimos quem somos sinalizando e interpretando tanto afiliações a categorias sociais (classe social, gênero, profissão, religião, etc.) e posições na hierarquia da interação (*status* e papéis), quanto atribuições de qualidades e qualificações de ordem mais pessoal. Ao contar histórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças, valores. Em outras palavras, ao contar histórias, estamos construindo identidade (OCHS, 1992, 1993; SCHIFFRIN 1993, 2000; MISHLER, 1999).

Charlotte Linde (1993), retomando, criticando e desenvolvendo o paradigma tradicional laboviano sobre a estrutura da narrativa, estuda as histórias de vida, ou narrativas de experiência pessoal, que funcionam na criação e manutenção de identidades. Segundo a autora, ao contá-las, falamos sobre como nos tornamos o que

somos e transmitimos aos outros o que devem saber sobre nós para nos conhecerem.

## 2.1 Narrativa e Identidade

No campo da psicologia discursiva, há um grande interesse pelas histórias de vida produzidas em situação de entrevista, analisadas, sobretudo, para a compreensão do desenvolvimento e da construção da subjetividade dos entrevistados (FREEMAN, 2006).

No âmbito dos estudos da linguagem, a narrativa é tradicionalmente definida como forma de se recapitular discursivamente experiências passadas a partir de uma articulação sequencial de orações. Entende-se nessa empreitada a sequência como uma propriedade linguístico-discursiva representativa de uma ordem cronológica dos eventos passados em um postulado mundo real (LABOV & WALETZKY 1968, LABOV 1972). Os estudos contemporâneos da narrativa, por sua vez, revisam o trabalho pioneiro, tanto ampliando suas definições formais e passando a incluir sob o escopo de análise segmentos não-canônicos (BAMBERG & GEORGAKOPOULOU 2008), quanto considerando a sua emergência em contextos interacionais diversos (SACKS 1984, MISHLER 1986, 2002). Passa-se, assim, a ver a narrativa como uma forma de constituir uma realidade sempre revogável e a serviço de padrões culturais e interacionais (BRUNER, 1990, LINDE, 1993 E MISHLER, 1999, 2002), reivindicando para as narrativas funções mais complexas e mais comuns à experiência cotidiana, relacionadas à construção de sociabilidade, à conformação da experiência em padrões públicos de aceitação e à construção de um sentido de quem somos e do mundo que nos cerca, nossa identidade (BASTOS & BIAR, 2015).

## 3 | HISTÓRIAS DE VIDA COM EXPERIÊNCIA DE ADOÇÃO

A experiência de ter sido colocado para adoção é marcante na vida de qualquer pessoa que a vivencia, e, se isso ocorre na fase da pré-adolescência, coincidirá com o período da vida em que surge a necessidade de construção de uma identidade que permita à pessoa uma relação produtiva com o mundo. Durante esta fase, os indivíduos reúnem condições sociocognitivas para a construção de narrativas autobiográficas coerentes. Decorre que a formação de uma identidade narrativa envolve a construção de histórias coerentes, com a finalidade de criar e comunicar um sentido de identidade e de significado (VIEIRA, 2012).

Considerando que os jovens que foram adotados defrontam-se com o desafio de desenvolver um sentido de *self* como pessoas adotadas (VON KORFF, 2008), durante a adolescência eles começam a refletir a respeito disso e a integrar suas reflexões e experiências em uma identidade narrativa significativa e coerente. Segundo Grotevant (1997), a identidade narrativa de ser adotado é construída quando os jovens começam

a refletir sobre o significado de terem crescido cuidados por famílias adotivas, enquanto permanecem geneticamente relacionados às famílias biológicas. Ela surge no momento em que esses jovens conseguem lidar com essas questões, organizando lealdades em relação a suas famílias e respondendo às demandas sociais, através da percepção dos outros, em relação a terem sido adotados (VIEIRA, 2012).

Segundo Vieira (2012), a identidade narrativa de jovens adultos adotados é marcada pelo sentimento de uma ruptura com o passado, o que os leva a buscar sua origem e, ao procurar seus pais biológicos, os adotados procuram recuperar um sentido perdido de continuidade entre o passado, o presente e o futuro.

#### 4 | A NORMALIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA

Para Bruner (1990), é através da narrativa que vamos tornar compreensível para nós mesmos o que acontece de excepcional nas nossas vidas cotidianas, organizando nossa experiência e nossa memória de acontecimentos humanos. Ao construirmos narrativas, segundo Sacks (1984), tendemos a normalizar a experiência para apresentarmos uma visão do mundo como uma pessoa normal faz. Narrar é essencial para ser normal, comum, ordinário. Mas ser normal, como coloca Sacks, dá trabalho. É um trabalho social, que realizamos constantemente nas nossas vidas cotidianas. Para apresentarmos uma visão do mundo como uma pessoa normal faz, há uma série de restrições em relação ao que pode ou não ser objeto de uma história. Um exemplo: se, ao voltar para casa, uma pessoa descreve, com detalhes, as diferentes tonalidades da grama ao longo da estrada, o ouvinte certamente vai estranhar e tentar interpretar o porquê desse relato, ou vai achar que a pessoa é estranha, ou pretenciosa – ele poderá até ficar com ciúmes, e a pessoa perder um amigo. Esses, para Sacks, seriam os custos de não ser ordinário, ou de, no caso, tentar ver sua vida como um poema épico (SACKS, 1984).

Depreende-se, pois, que há emoções mais ou menos permitidas em relação às diferentes experiências: normalmente, não se tem um ataque de nervos por que se viu uma batida de carro. Não se pode atribuir mais emoção a um determinado evento do que o considerado normal. Assim, as pessoas monitoram as experiências que vivem em relação às características que fariam dessas experiências narrativas relatáveis ou não, o que acaba por interferir na vivência da própria experiência. Dessa forma, são armazenadas experiências de modo que se tenha o que contar quando a oportunidade surgir (SACKS, 1984). Pode-se dizer que as narrativas são construções situadas da experiência, através das quais organizamos essa experiência individual e mantemos a ordem social (BASTOS, 2005).

Esta pesquisa investigou a forma como dois indivíduos adotados entre os 9 e os 12 anos normalizam, ou tentam normalizar suas experiências ao construírem narrativas de vida. Considerando sua condição de adotados e as consequências psicológicas que

tal condição origina, partiu-se do pressuposto de que, se essa experiência não tiver sido suficientemente integrada à vida cotidiana, ela não aparecerá como uma experiência normal na narrativa, e esta não terá um grau satisfatório de coerência. Aplicando a teoria de Sacks (1984), um indivíduo adotado pode atribuir emoções exageradas a fatos que lembrem ou se relacionem à experiência de adoção, e, inclusive, ver sua vida como um poema épico, não conseguindo narrar como uma pessoa ordinária, ou normal faria.

## 5 | IDENTIDADE RELACIONADA À COERÊNCIA NAS HISTÓRIAS DE VIDA

A identidade não é algo que emerge na adolescência de maneira acabada, mas está sempre sendo construída e reconstruída. Ela pode ser entendida como uma narrativa aberta, nunca totalmente concluída, ou como uma antologia de histórias mais ou menos integradas e coerentes acerca da vida de uma pessoa, uma espécie de ‘antologia do *self*’. O caráter distintivo dessas narrativas é sua tendência à unidade e à coerência (VIEIRA, 2012).

A construção da singularidade do indivíduo aparece na história de vida como a interpretação subjetiva das experiências passadas unida à integração seletiva dos aspectos culturais onde o indivíduo vive. Na história de vida encontram-se reunidos tanto os traços disposicionais e as características de adaptação, como os eventos singulares à trajetória de vida do sujeito e à história sociocultural na qual ele está inserido (MCADAMS, 2004). Um indivíduo que consegue integrar suas experiências e com elas formar uma unidade conseguirá narrar sua história de vida de maneira coerente.

Para Mishler (2002), lembramo-nos do nosso passado e continuamente o re-historiamos, variando a significância relativa de diferentes eventos de acordo com a pessoa em quem nos transformamos, descobrindo conexões das quais não estávamos previamente cientes, reposicionando-nos a nós mesmos e aos outros em nossas redes de relações. Em suma, o ato de narrativizar reatribui significado aos eventos em termos de suas consequências, isto é, de como a história se desenvolve e termina coerentemente.

O mesmo autor menciona os pontos de virada, ou incidentes que muitas vezes ocorrem de modo repentino e inesperado e que podem ser relatados em histórias de vida e em entrevistas de pesquisa clínica. Eles são exemplos marcantes de algo que acontece o tempo todo, do processo contínuo no qual nos engajamos para reconstruir o significado de nossas experiências passadas e para refazer a nós mesmos de modos grandes e pequenos. O processo de re-historiação, que tanto marca quanto resulta desses incidentes importantes que são os pontos de virada, constitui uma característica geral de nossas múltiplas identidades, cada uma arraigada a um conjunto diferente de relações que formam a matriz de nossas vidas. Cada um dos nossos eus parciais é um personagem em uma história diferente, na qual somos posicionados

de modos diferentes em nossas relações com os outros, que constituem nossos diversos mundos sociais.

Uma narrativa coerente é aquela que, no momento histórico em que se encontra o indivíduo, e apesar do seu contínuo processo de re-historiação, consegue dar sentido e unidade a uma história de vida que narra tanto as experiências positivas, quanto as dificuldades pelas quais o indivíduo passou. No caso de um indivíduo adotado, sua re-historiação sempre terá de passar pelo fato de ter sido afastado dos pais biológicos e de ter sido criado por outras pessoas. Dependendo do ponto em que ele se encontra ao narrar sua história de vida, eventos relacionados à sua adoção terão sido integrados com certa normalidade entre os restantes, ou ainda estarão vinculados a forte carga de emoção, o que o impedirá de construir uma narrativa coerente e, também, de normalizar os fatos de sua vida (MISHLER, 2002, MCADAMS, 2004).

## **6 | COERÊNCIA NA NARRATIVA DE INDIVÍDUOS ADOTADOS: UM ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS**

Considerando a hipótese de que haja uma relação entre a coerência das narrativas construídas e a capacidade de as pessoas normalizarem as experiências nas histórias de vida que contam, a presente pesquisa teve como objetivo verificar se há diferença entre uma narrativa de vida coerente e uma narrativa de vida que não alcança coerência no modo como o narrador normaliza suas experiências ao contá-las, adotando-se a noção de normalização de experiências de Sacks (1984).

### **6.1 METODOLOGIA**

Utilizou-se o corpus da pesquisa de Vieira (2012), sobre a identidade narrativa de jovens com experiência de adoção. Vieira aplicou o modelo tridimensional de coerência global de narrativas de vida de Habermas & Diel (2005), Habermas & de Silveira (2008) e Habermas, Ehlert-Lerche & de Silveira (2009) para a atribuição do grau de coerência às narrativas. Foram selecionadas as narrativas de dois indivíduos com experiência de adoção tardia, entre nove e doze anos de idade – Beatriz e Beno –, os quais foram entrevistados já em idade adulta, aos 22 anos. Conforme as conclusões de Vieira (2012), Beatriz produziu uma narrativa satisfatoriamente coerente, enquanto Beno não alcançou um grau satisfatório de coerência em sua narrativa.

A partir das duas narrativas e das conclusões de Vieira (2012) sobre seu grau de coerência, procurou-se, nesta pesquisa, a existência de uma correlação entre a coerência narrativa e sinais indicativos quanto à capacidade que o autor da narrativa demonstra para normalizar as experiências que conta, segundo Sacks (1984).

Foram transcritos alguns trechos das narrativas de Beatriz e de Beno, nas quais se detectam elementos que apontam para a normalização, ou falta de normalização dos fatos que narram. As transcrições apresentadas neste trabalho foram feitas

segundo as convenções de Jefferson (1984).

## 6.2 RESULTADOS

A narrativa de Beno não alcançou índices satisfatórios de coerência, o que, segundo McAdams (2001), reflete o caráter conflituoso, contraditório e ambíguo de sua identidade. Por outro lado, na narrativa de Beatriz observa-se que a experiência da adoção encontra-se integrada, e os afetos, embora intensos, estão organizados em uma construção de sentido que transforma sua história de vida em aprendizagem (VIEIRA, 2012).

Beatriz demonstra conhecimento consciente a respeito da falta de normalidade de certos eventos narrados, sobre os quais ela já organizou seus pensamentos e fala a respeito, sem fingir que são normais. Em outras palavras, Beatriz já é capaz de normalizar os eventos que conta (SACKS, 1984), uma vez que alcançou uma unidade entre os fatos de sua existência e, assim, também consegue construir uma narrativa coerente. Isso pode ser observado nos excertos 1 e 2:

Excerto 1 – transcrição de fala da narrativa de Beatriz

**tudo o que vem de trás né: são coisas que: nunca vou esquecer como é óbvio mas são coisas que ficam para sempre (.) e: por muito mais que eu sei que tenho a situação resolvida (.) sempre que conto sou capaz de chorar ou sou capaz de ↓ pronto me lembrar dessas coisas mas hã lembro perfeitamente de meus pais....**

Fonte: transcrição das falas gravadas em Vieira (2012) - 29.00

Excerto 2 – transcrição de fala da narrativa de Beatriz

**quando eu dizia e falava-se na escola ai o teu pai o teu pai (.) eu sentia necessidade de dizer (.) olha (.) eu não tenho pai (.) pronto. >mas as pessoas passavam a: criar coisas ai morreu não morreu teve um acidente.< coisas completamente ridículas. que eu se calhar sentia bem melhor. não é se calhar. é mesmo. eu sentia melhor dizer é isso (.) eu sou adotada e: minha mãe é sozinha não tinha problema absolutamente nenhum (.) nunca senti discriminação nenhuma (.) nenhuma mesmo. claro que as pessoas perguntavam ai o que aconteceu (.) mas eu não me importava nada em contar. é o que eu digo (.) tipo: é algo que me vai me acompanhar para o resto de minha vida. não é por que: nada não é nada que: uma coisa que: nada vai apagar não é: a memória não apaga isto e: eu sei o que vivi e sei o que passei (.) e se calhar sou uma pessoa diferente por aquilo que passei . eu sou mais não sou mais que ninguém não me considero mais que ninguém. mas claro que - ao lado de amigas minhas não é (.) >se calhar tenho outras< - não é se calhar (.) tenho outra história de vida (.) e sei que sou outra pessoa por essa história de vida (.) >não estou a dizer que sou uma pessoa melhor ou pior<. (.) pronto. mas tenho a minha história e tenho: a**

minha = as minhas coisas (.) e são coisas que vão me acompanhar para sempre né (.) pronto. portanto. de amigos nunca senti assim discriminação nenhuma= nenhuma mesmo (.) hã: as pessoas claro perguntaram sempre o que é que se o que é que se tinha passado (.) como é que foi como é que não fo:i hã aquelas perguntas de praxe mesmo. eu dizia . (não sei não há mal ou nunca xxxx). hã:: nem nunca: soube (.) de ninguém que falasse mal (1.0) nunca senti nada: em relação: hã à adoção. nunca senti (.) nunca senti (.) em nenhum aspecto de minha vida que: sou adotada (.) não: não sinto pronto (.) não é uma coisa que:: (1.0) que eu sinta (.) não sinto nada disso. nunca senti.

Fonte: transcrição das falas gravadas em Vieira (2012)- 16.09

No excerto 1, Beatriz demonstra domínio sobre o tema da adoção e sobre suas emoções em torno dele, ao dizer que tudo o que aconteceu jamais será esquecido por ela e que, por vezes, ela chora em função disso. Ela compreende e sabe que não foi agradável ser adotada, mas já integrou essa experiência entre os fatos de sua vida, e agora tal experiência aparece como algo que narra como se fosse muito natural, inclusive admite que isso sempre causará dor e mágoa a ela.

No excerto 2, a entrevistada demonstra tamanha normalização de suas experiências que, com ênfase e naturalidade, afirma nunca ter sido discriminada por amigos quanto à sua situação de adotada. Observa-se, na transcrição de sua fala, que ela se refere a esse assunto com objetividade, sem hesitações, com pausas definidas e sem alteração na tonalidade e volume da voz. A narrativa de Beatriz demonstra o que propõem Baerger & McAdams (1999) e Adler, Wagner & McAdams (2007): uma narrativa autobiográfica coerente está relacionada tanto ao bem-estar como a uma abertura a novas experiências e à capacidade pessoal para desenvolver-se.

Ao contrário da narrativa de Beatriz, a forma circular própria de Beno ao narrar sua história demonstra que ele não conseguiu ainda construir um sentido para sua experiência de vida. Dessa forma, a sua narrativa é entrecortada por conjeturas a respeito do porquê de ter sido abandonado por seus pais biológicos e colocado para adoção, conforme excertos 3 e 4:

Excerto 3 – transcrição de fala da narrativa de Beno

mas por exemplo ainda há pouco tempo eu fiquei mal porque (.) teve:: UMAS pessoas estavam comi:go e: disser. e eu tava a brincar a dizer que: (1.0) que era adotado lá de ator co(hhh)nhecido (.) e que e::: mmm e::: >depois eles perguntaram se eu era adotado< daí eu comecei a falar da minha história: de vida e:: (.) isso aí trouxe-me assim marcas que eu não queria tocar nestas feridas (.) mas tive que tocar e passei u:m tempo mal. (.) a pensar nestas coisas só queria sair daqui e:: e pronto. (.) estragar a minha vida.

Fonte: transcrição das falas gravadas em Vieira (2012)- 11.33

Excerto 4 – transcrição de fala da narrativa de Beno

**eu agora falo abertamente disto só que:: às vezes inda:: > pronto às vezes custa um bocado tocar nessa ferida< e:: e quando:: e lá na escola:: como a escola é:: é muito pequena e lá sabe-se tudo, e:: não sei contar i::sso (.) pra muitas pessoas pode:: (2.0) quer dizer > pelo menos para mim, podem me magoar .< e podem me ver de maneira diferente e:: e eu não quero isso:: > quero ser uma pessoa normal< não é? já passei pelas minhas dificuldades mas (.) não quero ser mai::s acarinhado (.) do que os outros só porque sou adotado e porque:: porque > agora estou numa família nova é isso< (2.0) ° quero ser normal° (2.0) aconteceu mas já foi e agora:: hoje tenho minha nova vida que:: (xxxxxx ) (1.0) > espero que seja assim até o fim.<**

Fonte: transcrição das falas gravadas em Vieira (2012) – 27.37

O fato de ter sido adotado é algo muito difícil de aceitar, assim, Beno atribui emoções demasiadamente intensas quando se refere a isso, como mostra o excerto 3, no qual ele relata sua reação quando as pessoas no curso de teatro vêm a saber sobre sua adoção e comentam. Para ele, isso foi motivo de querer desistir da faculdade, quando, para seus colegas, provavelmente era apenas um fato novo, sem o poder de colocar Beno em qualquer outra categoria que não fosse a de colega, como já era. Isso, nos termos de Sacks (1984), revela a falta de capacidade para normalizar experiências. Beno está tão envolvido com este assunto ainda, que não consegue se desvencilhar dele e aumenta sua importância em situações nas quais sua adoção não é o tópico tratado, quando o fato de ele ter sido adotado não tem importância nenhuma na atividade que está sendo realizada.

Isso aparece também no excerto 4, quando, novamente, ele fala da escola (faculdade), dizendo que simplesmente contar sobre a adoção já o coloca numa posição muito delicada frente aos colegas, o que pode magoá-lo e, mais adiante, afirma querer ser uma pessoa normal. Ele é tão incapaz de normalizar experiências ao narrá-las, que chega a deixar implícito que uma pessoa adotada não é normal. Observa-se, também, mediante a transcrição de sua fala, que esse assunto causa alteração de volume e tonalidade na voz, alongamentos e alteração na velocidade com que fala, como se isso alterasse bastante seu estado emocional, causando alterações na forma como se expressa.

## 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstram as análises dos resultados, há uma relação entre a capacidade de um indivíduo contar sua história numa narrativa coerente e sua capacidade para normalizar as experiências contadas, para apresentar uma visão do

mundo como uma pessoa normal faz. Enquanto uma narrativa coerente demonstra que o narrador fez e faz o esforço social necessário para se apresentar ao mundo como uma pessoa normal, sabendo seguir as restrições em relação ao que pode ou não ser objeto de uma história, isso é muito difícil para quem não consegue construir uma narrativa coerente. Este comete deslizes, como dar importância demasiada a fatos que não se espera serem tão importantes nos eventos narrados, produzindo uma narrativa sem coerência.

O desenvolvimento do tema desta pesquisa solicita a participação de diversas áreas do conhecimento, constituindo-se, portanto, um tema absolutamente interdisciplinar. Se, por um lado, contribui-se, aqui, para a psicologia cognitiva, ao investigar-se a formação da identidade através da análise de narrativas produzidas por indivíduos pesquisados, por outro lado, também se presta contribuição para a promoção da saúde, na esfera mental, ao abordar-se um grupo vulnerável, os adotados. Também para o desenvolvimento humano, uma vez que a qualidade de vida de grupos vulneráveis passa pelo desenvolvimento de sua capacidade para re-historiar seu passado e para atingir o poder de contar uma história de vida em que haja unidade de significado, na qual os indivíduos veem-se como pessoas capazes de integrar suas experiências dolorosas em uma vida próspera e feliz.

Almeja-se a continuação deste estudo, no sentido de ampliá-lo tanto no que tange aos grupos pesquisados, quanto no escopo do tema a ser investigado. Pretende-se, por exemplo, investigar em grupos que vivem em periferias e outros locais desprestigiados, como quilombos, quais são as questões que os impedem de melhorar sua qualidade de vida e desenvolver-se livremente, através da análise de narrativas por eles construídas e de histórias que eles mesmos produzem. Essas podem ser fontes importantes para a criação de situações e atividades que os auxiliem a romper barreiras sociais e psicológicas na busca de sua realização.

## REFERÊNCIAS

- ADLER, J. M.; WAGNER, J. W.; MCADAMS, D. P. Personality and the coherence of psychotherapy narratives. **Journal of Research in Personality**, v. 41, p.1179-98, 2007.
- BAERGER, D.R.; MCADAMS, D.P. Life story coherence and its relation to psychological well-being. **Narrative Inquiry**, v. 9, p. 69-96, 1999.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text & Talk**, v. 28, n. 3, p. 377-396, 2008.
- BASTOS, L.C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais - uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópico**, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.
- BASTOS, L.C.; BIAR, L.A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A.**, v.31, n. especial, p.97-126, 2015.
- BRUNER, J.. **Acts of meaning**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

- FREEMAN, M. Life “on holiday”? In defense of big stories. **Narrative Inquiry**. v.16, n.1, p.131-138, 2006.
- HABERMAS, T.; DIEHL, V. **Three dimensions of global coherence**: global rating scales. Frankfurt: Goethe University, 2005.
- HABERMAS, T.; SILVEIRA, C. The development of global coherence in life narratives across adolescence: temporal, causal and thematic aspects. **Developmental Psychology**, v. 44, p. 707-721, 2008.
- HABERMAS, T.; EHLERT-LERCHE, S.; SILVEIRA, C.. The development of the temporal macrostructure of life narratives across adolescence: Beginnings, linear narrative form, and endings. **Journal of Personality**, v.77, n. 2, p. 527-559, 2009.
- JEFFERSON, G. Transcript notation. IN: ATKINSON, J.M.; HERITAGE, J. (Eds.). **Structures of social action: studies in conversation analysis ix-xvi**. Cambridge: University Press, 1984.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Ed.) **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.
- LABOV, W. **Language in the inner city**: studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LINDE, C. **Life Stories, the creation of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.
- MCADAMS, D. P. The psychology of life stories. **Review of General Psychology**, v.5, n. 2, p.100-122, 2001.
- \_\_\_\_\_. The redemptive self: Narrative identity in America today. IN: BEIKE, D. R.; LAMPIEN, J. M.; BEHREND, D. A. (Eds.), **The self and memory**. New York: Psychology Press, 2004.
- MISHLER, E. **Research interviewing**. Context and narrative. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Storylines**. Craftartists’ narratives of identity. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo. IN: LOPES, L.P.M.; BASTOS, L.C. (Eds.). **Identidades**. Recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- OCHS, E. Constructing Social Identity: a language socialization perspective. **Research on Language and Social Interaction**, v.26, n. 3, p. 287-306, 1993.
- \_\_\_\_\_. Indexing Gender. IN: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds.). **Rethinking Context**. Language as an interactive phenomenon. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- SACKS, H. On doing “being ordinary”. IN: ATKINSON, J.M.; HERITAGE, J. (Eds.). **Structures of social action: studies in conversation analysis ix-xvi**. Cambridge: University Press, 1984.
- SCHIFFRIN, D. Speaking for Another in Sociolinguistic Interviews: alignments, identities, and frames. IN: TANNEN, D. (Ed.) **Framing in Discourse**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. Mother/daughter discourse in Holocaust oral history: because then you admit that you’re guilty. **Narrative Inquiry**, v.10, n.1, p. 1-44, 2000.

VIEIRA, A.G. **A Construção Narrativa da Identidade em Jovens Adotados**. Tese de Pós-Doutorado. Universidade do Porto, Porto, 2012.

VON KORFF, L. A. **Pathways to narrative adoptive identity formation in adolescence and emerging adulthood**. Tese de doutorado não publicada. Faculty of the Graduate School of the University of Minnesota, Minnesota, 2008.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise linguística 85, 100, 102

Argumentação 2, 24, 33, 34, 135, 136

Atos de Fala 66, 68, 76

### C

Contemporâneo 42, 53

### D

Ditadura Militar 1, 5, 7, 10, 11, 55, 56, 57, 59, 63, 65, 104

### E

Educação Brasileira 2, 268, 276

Escrita 85, 156

### G

Gênero 35, 205, 248

### L

Leitura 5, 30, 66, 84, 85, 100, 101, 263

Leitura na escola 66

Letramento literário 24, 33, 34

Linguagem 2, 13, 33, 36, 50, 53, 101, 102, 146, 157, 193, 198, 260

Literatura 1, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 33, 34, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 84, 114, 130, 131, 174, 191, 198, 204, 210, 248, 259

### M

Masculinidade 248

### O

Oralidade 85

### P

Pedagogia de Multiletramentos 8, 175, 176, 180, 181, 182

## **R**

Retórica 24, 31, 33, 269

Romance épico 114

Romance histórico 114

## **S**

Sociedade 13, 33, 53, 187, 211, 247, 248, 259

## **T**

Textos instrucionais 66

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-530-3

